

HENRIQUE BARROSO

Recensão a Barbosa, Jorge Morais, *Introdução ao
Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*.
Coimbra: Livraria Almedina, 1994 (IX+295 pp.)



UNIVERSIDADE DO MINHO
BRAGA • 1995

Recensão a Barbosa, Jorge Morais, *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994 (IX + 295 pp.)

HENRIQUE BARROSO
(Universidade do Minho)

Como regemos, há já alguns anos, a cadeira de *Fonética e Morfologia do Português*, é perfeitamente inteligível que tenhamos lido este livro com redobrada atenção. E se pensarmos que a descrição das matérias se insere dentro do mesmo quadro teórico (o *funcionalismo*) que seguimos nas nossas aulas, ainda se compreende melhor o porquê desta nossa leitura paulatina e reflexiva. Por conseguinte, é exactamente o resultado deste processo que agora vamos apresentar. Porém, antes de o fazermos, queremos sublinhar a importância – sem olvidar o seu valor – que a publicação deste livro tem para os estudantes, nomeadamente por descrever em português (é que, segundo nos confessaram – e um grande número! –, não lêem francês) as matérias que nós já conhecíamos quase na totalidade (o capítulo da Morfologia é novo) de um outro estudo do A. (apenas disponível em francês), *Études de phonologie portugaise* (21983). Para além disso, e sobretudo por ser um texto essencialmente para estudantes (cf. Prefácio), falta uma *corrigenda*. Por isso, tomámos a liberdade de a organizar (*vide* final da recensão).

A ordem de apresentação das nossas reflexões orienta-se pela do tratamento das matérias seguida pelo A.

O som: natureza e audição (pp. 27-36):

1. Em 2.8 e 2.9, pp. 33-34, estabelece-se a diferença entre **vogais difusas** e **vogais compactas**. O A. exemplifica apenas com [i] e [a]: a primeira difusa e a segunda compacta. No entanto, e entre outros, [u] também é um som vocálico difuso, só que os dois formantes principais não se encontram afastados um do outro como acontece em [i] (os 1.º e 2.º formantes encontram-se, respectivamente, para cima e para baixo da zona central do espectro acústico) mas, sim, estão muito próximos um do outro (talvez até mais próximos do que em [a]), porém abaixo da zona central do espectro acústico [cf., por exemplo, DELGADO-MARTINS (1988), M.^a Raquel, *Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português*, onde se descrevem e caracterizam, em diferentes capítulos, estas e outras propriedades acústicas dos sons do português contemporâneo].

Tudo isto quer significar que o «carácter difuso» de um som tem que ver não só com o afastamento da frequência de vibração dos 1.º e 2.º formantes, mas também e sobretudo com o seu afastamento da zona central do espectro acústico: um para baixo, outro para cima, como em [i], por exemplo; e ambos para baixo, como em [u], por exemplo.

2. Ao contrário do que fez em *Études...*, neste livro – escrito fundamentalmente para estudantes –, o A. não descreve o vocalismo das unidades léxicas não portadoras de acento próprio, ou seja, das vulgarmente denominadas **palavras enclíticas**. Naquele texto (onde descreve este tipo de vocalismo) opõe **enclítico** a **proclítico**. Nós propomos que se oponha **proclítico** a **apoclítico** e se considere **enclítico** o termo genérico que engloba os dois anteriores (tal como **afixo** é o termo genérico que compre-

ende a oposição entre prefixo, infixo e sufixo). Por conseguinte, **enclíticos** são os significantes que não são portadores de acento próprio, subordinando-se aos significantes de acento próprio que se encontram ou imediatamente depois (**proclíticos**) ou imediatamente antes (**apoclíticos**).

Princípios de fonética articulatória (pp. 37-70):

1. Nas pp. 41-42, estabelece-se a diferença entre **sons surdos** e **sonsonoros**, dizendo-se que as cordas vocais não vibram na produção dos primeiros e que, pelo contrário, vibram na produção dos segundos. Contudo, na produção dos **sons surdos**, as cordas vocais estão numa posição intermédia entre a da respiração normal (afastadas uma da outra) e a da produção dos **sons sonoros** (completamente encostadas uma à outra). Isto faz com que vibrem, respectivamente, menos e mais intensamente, gastando-se, por conseguinte, nessa actividade, também respectivamente, menos (**sons fortes**) e mais (**sons fracos**) energia, tal como o A. assinala em 3.7, p. 42.

2. A propósito das **consoantes africadas** (3.20, p.48), o A. refere a sobrevivência, bem viva em alguns dialectos setentrionais e centrais de Portugal, da africada (apicoalveolar) surda, [tʃ], mas não usa este símbolo fonético. Apenas se serve do dígrafo *ch*. Também não se reporta à correspondente sonora, [dʒ], do inglês, do italiano, etc. e do próprio português do Brasil (ex.: *dia* ['dʒiɐ], por oposição a ['diɐ], característica do português europeu).

3. Ao falar da relação entre sons e letras/ grafemas (correspondência não biunívoca) (3.21, p. 49), teria ficado mais claro, se se tivessem usado os símbolos de transcrição fonética. E já que se fala em transcrição fonética (e apesar da advertência feita pelo A. na p. 50, 3.23), julgamos que o sistema usado em *Études...*, porque mais generali-

zado e também porque os estudantes estão mais familiarizados com ele, teria sido aqui o mais indicado.

Porque se trata de sons, faltam os colchetes ([I]) no diagrama das vogais (3.30, p. 54). Também falta, neste diagrama, [ə] (descrito em 3.27, p. 53).

4. Na p. 57, 3.35, escreve o seguinte: «(...). Em inglês elas são muito mais numerosas e existem até **tritongos**, isto é, emissões vocálicas onde o ouvido identifica três segmentos sucessivos (por ex., *fire* ['fajə]).» Em português também parece haver tritongos. Como interpretar, pelo menos do ponto de vista fonético, significantes deste tipo: *leões* ['ljõjʃ], *peões/piões* ['pjõjʃ], *quais* ['kwajʃ], *reais* ['rɛajʃ], etc.? Estas parecem-nos ser as pronúncias “normais” de qualquer falante do português.

Fonologia (pp. 71-126):

1. Nas pp. 76, 4.7, e 86, 4.21, o A. apresenta **dato* como sendo um significante inexistente em português que se opõe, todavia, a *gato*, etc. Porém, para nós, o significante *dato* actualiza os significados “datar” + “indicativo” + “presente” + “1.ª pessoa” + “singular”.

2. Na p. 83, 4.18, ls.8-9, está escrito o seguinte: «(...), já que o monema se caracteriza, antes de tudo, pelo seu significado e os fonemas nada têm com o significado.» Nós acrescentaríamos: «só parcialmente», enquanto construtores do(s) significante(s), ou seja: como suporte material do significado. E quando se trabalha com a técnica operatória da CO-MUTACÃO, o que é mais evidente é a alteração do significado que resulta, obviamente, da alteração do significante (pelo menos é o que o menos familiarizado com estas matérias sente).

3. Na p. 96, 4.32, fala-se de **variantes contextuais** e o A. enumera os contextos [1. posição intervocálica (entenda-se: «entre vogais orais»),

2. precedidos e 3. seguidos de consoante líquida (vibrante ou lateral)] em que os sons consonânticos oclusivos sonoros bilabial, apicoalveolar e velar, [b d g], se tornam imperfeitamente oclusivos ou espirantes (ou ainda oclusivos fricativizados), [β ð γ]. Para além destes três, deve mencionar-se ainda um outro contexto (o quarto): 4. quando seguem o som consonântico constritivo fricativo pré-palatal sonoro (= sibilante-chiante sonoro), [ʒ] (por ex.: *os bois* [uʒ'βojf], *os dias* [uʒ'ðieʃ], *os gatos* [uʒ'ɣatuʃ]).

4. Na p. 98, 4.34, o A. descreve as **variantes individuais**. Não seria melhor chamá-lhes **variantes livres** (ou **facultativas**), opondo-as às **variantes típicas**? É que o falante pode escolher, por hábito ou não, entre duas ou mais possibilidades (facultadas pela norma) que estão à sua disposição. Por exemplo: um falante que realize habitualmente o significante *rua* como [ˈr̃uə] pode, porque assim o deseja ou por qualquer outra razão, realizá-lo ainda como [ˈruə] ou como [ˈxuə], independentemente das variações naturais da realização de tais segmentos. [r̃] (vibrante apical), [R] (vibrante uvular) e [x] (constritiva dorsovelar) são, por consequência, variantes livres do fonema vibrante múltiplo, que podemos representar assim: /r̃/ (no caso do exemplo dado, mais precisamente, de /R/).

5. Na p. 125, 4.69, ls. 11-13, a propósito da neutralização da oposição /l/ ≠ /ʎ/, lê-se o seguinte: «Não se verifica a oposição em final de sílaba, onde só o apical se atesta: *sal, salto*.»

A posição de não pertinência de uma oposição fonemática é habitual e convencionalmente assinalada pelo arquifonema correspondente (neste caso concreto, seria o arquifonema “lateral”, /L/, unidade fonológica realizada por [l], lateral velarizada, o alofone que sempre se actualiza neste contexto). Isto quer dizer (reportando-nos ainda à oposição em causa) que os traços pertinentes “apicalidade” e “palatalidade” que caracterizam as unidades /l/ e /ʎ/, respectivamente, deixam de funcionar,

tornando-se, por conseguinte, não pertinentes. Apenas permanece o que é comum a ambas: a “lateralidade” – daí a designação “lateral” que se atribui àquela unidade assim, também convencionalmente, representada: /L/.

Para além disso, os (alo)fonos que realizam /l/ e /ʎ/ são, também respectivamente, [l] e [ʎ]. O que quer significar que nenhuma destas realizações actualiza aqui aquela unidade [fenómeno que acontece normalmente com outras unidades desta natureza: /S/, /N/ e /R/, por um lado, e /A/, /E/ e /O/, por outro lado, são realizados ou por um, ou por outro, ou até por todos – depende dos contextos – os (alo)fonos que realizam os fonemas das respectivas oposições agora neutralizadas].

Por conseguinte, queira ler-se aí mais ou menos isto: «Não se verifica a oposição em posição final de sílaba e, ainda, em posição inicial de sílaba, quando faz parte de um grupo consonântico homossilábico, onde só a “lateral”, /L/ (realizando-se complementarmente por [ʎ] e por [l]), se atesta: *sal* /'sAL/, *salto* /'sALtu/; *globo* /'gLobu/, *aplanar* /apLa'nAR/.» (Cf., sobre esta matéria, as próprias palavras do A., em *Études...*, p. 180, 6.39, ls. 9-13).

6. Na p. 126, l. 14, desta vez a propósito de **arquifonema**, onde se lê: «... traços comuns aos dois fonemas...», porque também há casos desses (/m/ ≠ /n/ ≠ /p/ e /s/ ≠ /z/ ≠ /ʃ/ ≠ /ʒ/, por exemplo), leia-se: «... traços comuns aos dois (ou mais) fonemas...»

7. E ainda nesta mesma página, mas nas linhas 18-19, pode ler-se o seguinte: «Este arquifonema realiza-se nas formas próprias da realização de /l/.»

Ora, e tendo em atenção o que se disse atrás (cf., aqui mesmo, § n.º 5.), /L/, em posição final de sílaba, realiza-se por [ʎ] e, nos demais contextos de não pertinência da oposição /l/ ≠ /ʎ/, por [l], o (alo)fone que

realiza /l/. Por isso, teremos que ler: «Este arquifonema realiza-se, em posição final de sílaba, por [ɫ] e, nos restantes contextos de ocorrência, nas formas próprias da realização de /l/.»

Acento e sílaba (pp. 127-139):

1. A propósito de formas que «são habitualmente destituídas de acento próprio», o A. só fala (pp. 131-132) de clíticos. Nós propomos (como, aliás, já o fizemos) **formas enclíticas** [expressão que compreende as **proclíticas** (exs.: o livro; a casa; etc.), as **apoclíticas** (exs.: dá-mo; dê-mas; dê-lhe; etc.) e as “**mesoclíticas**” (exs.: dá-los-emos; fá-lo-á; etc.). Estas últimas são, funcionalmente, formas apoclíticas].

2. Na p. 137, 5.10, falta o esquema silábico seguinte: CVCCC: *mãos* /'mAwNS/.

Consonantismo (pp. 141-159):

1. Ao tratar dos fonemas consonânticos em posição inicial de sílaba, mais precisamente: em posição inicial de unidade acentual (p. 148, 6.11, ls. 2-4), onde se lê: «(...). Na primeira [posição inicial de unidade acentual] encontram-se todos os fonemas citados, com excepção dos mesmos /j w/ e ainda de /r/, (...).», deve ler-se: «(...). Na primeira [posição inicial de unidade acentual] encontram-se todos os fonemas citados, com excepção dos mesmos /j w/ e ainda de /r/ e /ʁ/ (neste lugar aparece /R/, uma vez que a oposição /r/ ≠ /ʁ/ se neutraliza neste contexto), (...).», como, aliás, está correctamente assinalado na transcrição fonológica de *rua* /'Rua/ (p. 152, l. 10).

2. Na p. 149, l. 6, em vez de *míope*, deve ler-se, por exemplo, *pau-pérrimo* (aqui /p/ já está num contexto pós-consonântico).

Ainda nesta página, mas na linha 7, e a propósito do consonantismo na posição acabada de referir, onde se lê: «(...), encontram-se todos, com excepção de /j w r ʎ ŋ/.» deve, mais precisamente, ler-se: «(...), encontram-se todos, com excepção de /j w ʎ ŋ/.», uma vez que /r/ se atesta, por exemplo, na oposição /('k)ajru/ ≠ /('b)ajru/ (*Cairo/ bairro*), /r/ ≠ /r̄/, como, aliás, se assinala na p. 155, 6.18, ls. 17-22.

3. No § 6.12, p. 149, l. 5 e também l. 8 (ao fazer-se a descrição do consonantismo nos grupos consonânticos homossilábicos), onde se lê «(...) com /l/ ou /r/» deve, mais rigorosamente, ler-se «(...) com /L/ ou /R/», porque as oposições /l/ ≠ /ʎ/ e /r/ ≠ /r̄/ não funcionam neste contexto. Isso é referido (apenas para /R/) na p. 152, quando se transcreve fonologicamente o significante *fruta* /'fRuta/.

4. A propósito da neutralização da oposição /r/ ≠ /r̄/ (p. 151, 6.15), e por uma questão de maior precisão, leia-se, depois de «...consoante...» (ls. 14-15), o seguinte: «[excepto /j/ e /w/ (cf. exemplos da p.155: *paio* /'pajru/ e *bairro* /'bajru/, *Laura* /'lAwra/, etc.) e /R/, combinação não documentada (porque impossível) no português actual], isto é, só depois de /N/, /L/ e /S/, posições onde apenas se encontram realizações próprias de /ʁ/ (*rua* /'Rua/, *honra* /'ONRa/, *bilro* /'biLRu/, *Israel* /iSRa'EL/),...».

5. Na p. 153, l. 2, depois de «(*desde, os gatos*);», falta «antes de vogal, [z] (*as aves*);».

6. Na p. 157, 6.21, ls. 2-3, fala-se do “português normal” que o A. identifica com «o de Lisboa e Coimbra e da faixa do grande litoral entre as duas cidades». Será mesmo assim? Tratar-se-á de uma norma local/regional que se pretende seja **norma nacional**? Será um padrão real ou ideal?

Vocalismo (pp.161-203):

1. No *corpus* das pp. 167-168, 7.5 (que ilustra o vocalismo acentuado), só os fonemas estão, simbolicamente, representados. Contudo, e uma vez que muitos exemplos comportam posições de não pertinência, também deveriam estar os símbolos dos arquivfonemas.

2. No § 7.7, p. 169, esquematiza-se a “visualização” do sistema **vocálico acentuado**, tendo em consideração dois traços pertinentes: o da localização e o da abertura. Ao fazê-lo, porque se trata de fonemas, as barras oblíquas (/ /) deveriam ter sido usadas (tal como acontece praticamente ao longo do texto).

Esta observação é extensível às “visualizações” do vocalismo esquematizadas nos §§ 7.10, p. 172, 7.41, p. 196 e 7.50, p. 202.

3. Faltam, no *corpus* ilustrativo do vocalismo pré-acentuado precedido de consoante (pp. 197, 7.42), exemplos para [ã]. No entanto, no corpo do texto (nesta mesma página), parecem estar contempladas todas as ocorrências. Assim sendo, podemos organizar a respectiva coluna. Eila, pois:

[ã]: *ração, patego, deflagrar, carvão, deixar, cantar, gastar;*

4. No § 7.43, p. 197, descrevem-se os contextos onde os timbres vocálicos centrais [ã] e [ã̃] se opõem e também aqueles onde se não opõem. Ora, e uma vez que se está a falar de oposições, de sons com função distintiva, achamos que se deveria ter usado a simbologia fonemática, ou seja: /ã/ ≠ /ã̃/.

5. Por fim, no § 7.45, pp. 198-199, descrevem-se os contextos onde os timbres [ê] e [e] se opõem (dois fonemas, portanto: /ê/ ≠ /e/) e onde representam variantes em distribuição complementar de um único fonema. Poder-se-ia, porém, ter falado (de modo mais transparente) de neutralização relativamente à oposição /ê/ ≠ /e/ na posição aqui estudada.

Morfologia (pp. 205-252):

1. Na p. 226, § 8.43, faltam as seguintes informações sobre a matéria aí tratada (formas verbais oxítonas):

«– “conjuntivo”, “futuro”, “1.^a” e “3.^a” “pessoas”: *lavar*;

– “infinitivo não conjugado”: *lavar*.»

Nesta mesma página, achamos que o § 8.45, e porque para os estudantes tem sempre muita utilidade, poderia reescrever-se do seguinte modo:

«8.45 São paroxítonas as restantes. Discriminemo-las, pois:

– “indicativo” e “conjuntivo”, “presente”, “1.^a”, “2.^a”, “3.^a”, “4.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavo, lavas, lava, lavamos, lavam; lave, laves, lave, lavemos, lavem*;

– “indicativo” e “conjuntivo”, “imperfeito”, “1.^a”, “2.^a”, “3.^a”, “5.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavava, lavavas, lavava, lavádeis, lavavam; lavasse, lavasses, lavasse, lavásseis, lavassem*;

– “indicativo”, “pretérito”, “2.^a”, “4.^a”, “5.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavaste, lavámos, lavastes, lavaram*;

– “indicativo”, “mais-que-perfeito”, “1.^a”, “2.^a”, “3.^a”, “5.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavara, lavaras, lavara, laváreis, lavaram*;

– “indicativo”, “futuro”, “4.^a” “pessoa”: *lavaremos*;

– “conjuntivo”, “futuro”, “2.^a”, “4.^a”, “5.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavares, lavarmos, lavardes, lavarem*;

– “condicional”, “1.^a”, “2.^a”, “3.^a”, “5.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavaria, lavarias, lavaria, lavaríeis, lavariam*;

– “imperativo”, “2.^a pessoa”: *lava*;

– “infinitivo conjugado” “2.^a”, “4.^a”, “5.^a”, e “6.^a” “pessoas”: *lavares, lavarmos, lavardes, lavarem*;

– “gerúndio”: *lavando*;

– “particípio passado”: *lavado*.»

2. Na p. 227, § 8.46, l. 2, onde está «(/E/ = [ɛ])» deve estar «(/E/ e /ɛ/ = [ɛ])», pois, como se diz no § 7.45, pp. 198-199, em sílaba pré-acentuada iniciada por uma consoante e entravada por /L/, a oposição /ɛ/ ≠ /e/ funciona. Deste modo, em *arrelvei* e *arrelvasse*, trata-se de /ɛ/ e não de /E/.

Da mesma maneira, na l. 3, onde está «(/O/ = [o] ou [ɔ])» deveria estar «(/O/ e /ɔ/ = [o] ou [ɔ])» porque, em sílaba acentuada e entravada por /L/, a oposição /ɔ/ ≠ /o/ funciona. Por consequência, é /ɔ/ e não /O/ que está presente no significante *solto*.

3. Na 3.^a linha da p. 229, depois de «usos,», deve ler-se o seguinte: «por /ɛ/ ou /ɛ/ (ou ainda /E/, seguido de “palatal”) em sílaba acentuada,», já que em significantes como *empenho*, *empenhe*, *empenha*, etc. é a unidade /E/ que está presente.

Ainda sobre esta matéria, na nota 19 desta mesma página, onde se lê: «..., no lugar deste /ɛ/ ou /ɛ/ encontra-se /ɛ/,», e porque se trata do contexto “vocalismo acentuado em sílaba aberta, seguida de sílaba iniciada por “palatal” (/ɲ, ʎ/) ou “chiantes” (/ʃ, ʒ/),» deve ler-se: «..., no lugar deste [ɛ] ou [ɛ] encontra-se [ɛ]». Neste contexto, /E/ representa a neutralização das oposições /e/ ≠ /ɛ/ ≠ /a/: neutralização de “abertura” (/ɛ/ ≠ /e/) e de “localização” (/ɛ, e/ ≠ /a/).

Por último, nesta mesma nota, l. 4, onde está *ajoelhar* leia-se *azulejar*.

4. Uma vez que para a linguística funcional a Morfologia estuda «as variantes dos significantes de monemas e sistemas de uma língua» (p. 208, ls. 14-16), o § 8.57, pp. 234-235, deverá ampliar-se (destacando não só a “deslocação do acento” mas também a “alternância vocálica” e/ ou “consonântica” do radical verbal, acompanhado ou não este da respec-

tiva “vogal temática”). As primeiras quatro linhas (até “radical”) mantêm-se. Depois, deve ler-se: «...apresenta as seguintes formas: /kə'b(ɐ)-/ (*cabem, cabemos, cabermos*), /kə'b(E)-/ (*cabendo*), /kə'b(ɐ)'/-/ (*caberei, caberia*), /'kəjb-/ (*caibo, caiba*), /'kəj'b-/ (*caibamos*), /kə'b-/ (*cabia*), /kə'b(i)-/ (*cabido*), /'kəb(ɐ)-/ (*cabes, cabe*), /'kəb(a)-/ (*cabem*), /kə'b(a)-/ (*cabem, cabéis*), /'kəb(ɐ)-/ (*coube*), /kə'b(ɐ)-/ (*coubeste, coubera, coubesse, couber*); ou do verbo *dizer*, que apresenta as formas: /di'z(ɐ)-/ (*dizer, dizemos, dizermos*), /di'z(E)-/ (*dizendo*), /'diz(ɐ)-/ (*dizes*), /'diz(a)-/ (*dizem*), /di'z(a)-/ (*dizei, dizeis*), /'diS/ (*diz*), /di'z-/ (*dizia*), /'dis(ɐ)-/ (*disse*), /di's(ɐ)-/ (*disseste, dissera, dissesse, disser*), /'dig-/ (*digo, diga*), /di'g-/ (*digamos, digais*), /di'-/ (*direi, diria*), /'di-/ (*dito*); ou do verbo *trazer*, com as suas formas /tRə'z(ɐ)-/ (*trazer, trazemos, trazermos*), /tRə'z(E)-/ (*trazendo*), /tRə'z(a)-/ (*trazei, trazem*), /'tRəS/ (*traz*), /'tRəz(ɐ)-/ (*trazes*), /'tRəz(a)-/ (*trazem*), /'tRəg-/ (*trago, traga*), /tRə'g-/ (*tragamos, tragais*), /tRə'z-/ (*trazia*), /'tRəS(ɐ)-/ (*trouxe*), /tRə's(ɐ)-/ (*trouxeste, trouxera, trouxesse, trazer*), /tRə'-/ (*trarei, traria*), /tRə'z(i)-/ (*trazido*). O verbo *ir* tem formas em /i'-/ (*ir, indo, ido, ide, ides, ia, irmos*), /i'-/ (*irei, iria*), /'fuj/ (*fui*), /'foj/ (*foi*), /'fo-/ (*fomos, foste, fora, fosse, formos*), /'vəj-/ (*vais, vai*), /'və-/ (*vás*), /və-/ (*vamos*), /'vA-/ (*vão*) e o amálgama /'və/ (*vou*). Dizem-se por isso **irregulares** tais verbos.»

5. Na l. 2 do § 8.62.5, p. 238, deve, mais precisamente, ler-se o seguinte: «“1.ª” e “5.ª” “pessoas” (/əmə'rəj əmə'rəjS/), /-rA-/ na “6.ª” “pessoa” (/əmə'rAwN/),».

6. Sobre o monema “imperativo”:

– no § 8.62.7, p. 238, afirma-se que /j/ é o significante deste monema na “5.ª” “pessoa” das primeira e segunda conjugações;

– na nota 29 (um esclarecimento ao afirmado no § 8.62.7), nesta mesma página, escreve-se o seguinte: «Poderia admitir-se que /j/ seria também significante de “5.^a pessoa no contexto “imperativo”, onde apareceria amalgamado com a vogal temática /i/.»;

– por fim, na p. 250, § 8.78, ls. 9-10, considera-se /j/ como o significante do monema “5.^a pessoa” «com “imperativo” na 1.^a e 2.^a conjugações (*andai, prendei*);».

Perante estes dados, não se fica a saber se /j/ é um outro significante do monema “imperativo” ou um outro significante do monema “5.^a pessoa”, ou se ambas as coisas.

Quanto a nós, /j/ (ainda que amalgamado nos verbos da 3.^a conjugação: *parti!*) é o significante do monema “5.^a pessoa” no contexto “imperativo”; e zero (Ø) é o significante do monema “imperativo” em todas as conjugações. É que, como se sabe, o significante cumulativo dos monemas “tempo”, “aspecto” e “modo” é um e o dos monemas “pessoa” e “número” é outro, e ocorrem no significante verbal numa ordem estabelecida pelo nível mais abstracto de hierarquização linguística, ou seja, pelo sistema: primeiro (contando da esquerda para a direita), o significante que actualiza os conteúdos de “tempo”, “aspecto” e “modo”; a seguir, o que actualiza os de “pessoa” e “número” [ambos já precedidos pelos significantes dos monemas “classe verbal” (constituente obrigatório) e “vogal temática” (por vezes, ausente)].

7. Falta, na listagem (8.62, pp. 237-239) dos significantes amalgamados que actualizam os monemas das classes modal e temporal, o significante do monema “infinitivo não conjugado” que deve, pois, ser o n.º 11 (e, por arrastamento, o 11 seria o 12; o 12, o 13; e o 13, o 14): «“infinitivo não conjugado”: /r/ [na “2.^a pessoa” (*amares, prenderes, uni-*

res, etc.) toma a forma de /'-re-/ e na "6.ª pessoa" (*amarem, prenderem, unirem*, etc.) de /'-ra-/: *amar, prender, unir*, etc.»

8. Faltam, no *corpus*/ levantamento dos significantes dos "tempos compostos" (8.69, pp. 244-245), as formas dos chamados "mais-que-perfeito (composto) do conjuntivo" e "infinitivo não conjugado", ou seja:

– "Conjuntivo" + "mais-que-perfeito": as formas de "conjuntivo" + "imperfeito" + *do* (*tivesse amado*, etc., *houvesse amado*, etc.).

– "Infinitivo não conjugado" + "pretérito": as formas de "infinitivo não conjugado" + *do* (*ter amado*, etc., *haver amado*, etc.).

9. Falta, na classe dos monemas pessoais, o seguinte:

– p. 248, 8.74, l. 9 (antes de "condicional"): «e "mais-que-perfeito" (*andara, prendera, unira*);»;

– p. 249, 8.75, l. 3 (antes de "condicional"): «e "mais-que-perfeito" (*andaras, prenderas, uniras*);»;

– p. 249, 8.76, l. 5: «*andara*»;

(Relativamente a *andar*, deveria dizer-se que, descontextualizado, é um significante que cumula os papéis de "infinitivo conjugado" e "conjuntivo" "futuro"; contextualizado, só um dos dois papéis pode estar presente: ou "infinitivo conjugado" ou "conjuntivo" "futuro").

– p. 250, 8.79, l. 3 (antes de "conjuntivo"): «e "mais-que-perfeito" (*andaram, prenderam, uniram*);».

10. Sobre /-rawN/, /-'rAwN/ e /-'riawN/ (§ 8.79, p. 250):

– Não vemos por que motivo é que também estes significantes são variantes dos significantes do monema "6.ª pessoa", uma vez que se apresentam/ consideram (*vide*, p. 238, 8.62.5 e 8.62.6) /'ra/ (e variantes) e /'ria/ como significantes dos monemas, respectivamente, "indicativo" + "futuro" e "condicional".

No que diz respeito a /'rawN/ – um único significante, precedido do respectivo tema verbal (*anda-, prende- e dormi-*), para os conteúdos “indicativo” + “pretérito” e “indicativo” + “mais-que-perfeito” (significantes homónimos, portanto) –, talvez se possa considerar como significante do monema “6.ª pessoa” apenas combinado com “indicativo” + “pretérito”, já que as restantes formas deste monema se caracterizam pelo significante zero. Mas apenas neste caso. Nos demais, não vemos por que razão é que não pode ser /wN/.

Conclusão(pp. 253-261):

1. No 3.º período do 2.º parágrafo da p. 257 deve ler-se o seguinte:

«Encontrou-se, a este respeito, toda uma série de neutralizações de oposições que, com excepção das que dão lugar ao /R/ de /'Ratu/ *rato* ou /'pRatu/ *prato* e ao /L/ de /'gLoTe/ *glote*, /'pLANta/ *planta*, etc., só ocorrem em posição final de sílaba.», já que a oposição /l/ ≠ /ʎ/ também não funciona depois de consoante homossilábica. Veja-se o que o A. diz em *Études...*, p.180, 6.39, ls. 9-13: «(...). Le [l] et le [r] de ces groupes représentent en fait les archiphonèmes résultant de la neutralisation des oppositions /l/ - /ʎ/ et /r/ - /p/ après consonne homosyllabique: non seulement /ʎ/ et /p/ ne sont pas attestés dans cette position, mais ils y sont aussi imprononçables en portugais.»

Alfabetos fonéticos (pp. 277-280):

1. Falta, no Alfabeto Fonético Internacional (p. 277), o símbolo fonético que representa a lateral velarizada ([ɭ]) (no diagrama da p.280, embora pouco claro, parece lá estar). É um símbolo que, pelo menos na revisão de 1989 [*vide*, por exemplo, ROACH (1992), Peter, *Introducing*

Phonetics, p. 128], faz parte integrante do *International Phonetic Alphabet* (I.P.A.).

CORRIGENDA

ONDE SE LÊ:

LEIA-SE:

Prefácio (pp. VII-IX):

p. VIII, l. 26: Troubetskoy Troubetszkoy

Conceitos teóricos fundamentais (pp. 1-26):

p. 4, l. 13: literários literatos

p. 11, n. 1, l. 5: ←lindo)·, ←lindo),

p. 15, l. 15: /'gatu/ /'Ratu/ /'gātu/ /'Rātu/

p. 17, l. 4: reune reúne

p. 18, n. 3, l. 7: 195-180 Obs.: Esta paginação está errada.
Não será antes 180-195?

p. 21, l. 5: /'atu/ /'ātu/

Obs.: Não será antes ['ātu], uma vez que se fala de pronúncia?

" ", 1.21, l. 17: pre-ocupações preo-ocupações

p. 22, 1.22, l. 7: /'gatu/ /'gātu/

p. 24, 1.25, l. 11: gato "gato"

" ", " ", ls. 16-17: um gato matar um rato e um rato matar um gato, "um gato matar um rato" e "um rato matar um gato",

" ", " ", l. 20: orato matou o gato o rato matou o gato

p. 25, l. 3: mutantis mutandis

p. 26, 1.28, l. 2:	Troubetskoy	Troubetzky
" ", n. 5, l. 1:	Troubetskoy	Troubetzky

Princípios de fonética articulatória (pp. 37-70):

p. 53, 3.27, l. 8:	[p re'ser]	[pərə'ser]
p. 57, l. 3:	[māi]	['māi]
" ", 3.35, l. 6:	por. ex.,	por ex.,
p. 58, l. 2:	m	[m]

Obs.: Na *Figura 21* está /əl/. Não deveria ser /AL/?

p. 63, 3.50, l. 6:	['maļa]	['maļa]
--------------------	---------	---------

Fonologia (pp. 71-126):

p. 76, 4.6, l. 8:	vimos chamados	
	<u>Obs.:</u> Não será vimos chamando?	
p. 84, l. 3:	/gati'nāvas/	/gati'nāvas/
p. 85, l. 2:	*['galtu]	*['galtu]
" ", l. 9:	*['taŋo]	*['taŋo]
p. 89, 4.25, l. 3:	discreção	discrição
p. 94, 4.30, l. 2:	vigor	rigor
p. 95, l. 10:	[ābata]	[a'bata]
" " " "	[uđeđu]	[u'đeđu]
" ", ls. 12-13:	inercial	inércia
p. 101, 4.39, l. 1:	merceriam	mereceriam

Obs.: [x] aparece caracterizado como "constritiva dorso-uvular", na p. 97, e como "constritiva dorsovelar", na p. 107. Porquê?

p. 110, 4.50, l. 2:	['kaiša]	['kaiša]
p. 111, l. 6:	['kaša]	['kaša]

p. 112, 4.51, l. 8:	<i>mundo</i>	<i>mudo</i>
p. 113, 4.52, l. 29:	['dʷaŋi:]	['dʷaŋɔ]
p. 116, l. 2:	de distingam	se distingam
p. 122, 4.63, l. 2:	Troubetskoy	Troubetzkoy
p. 123, 4.67, l. 2:	Troubetskoy	Troubetzkoy
" " , n. 28, l. 1:	Troubetskoy	Troubetzkoy
p. 124, l. 12:	/n/ - /l/ = /ŋ/ // /ʎ/	/n/ - /l/ = /ŋ/ - /ʎ/
" " , l. 15:	versus	<i>versus</i>

Acento e sílaba (pp. 127-139):

p. 130, l. 7:	deportuguês	doportuguês
p. 135, 5.7, l. 4:	/kʷa'zaR/	/kʷa'zAR/
p. 137, 5.10, l. 13:	/pa'tROjNS/	/pa'tROjNS/

Consonantismo (pp. 141-159):

p. 143:		<u>Obs.:</u> O texto deveria ter descido até ao fundo da página.
p. 145, 6.5, l. 8:	lateral	palatal
p. 149, n. 6, l. 1:	<i>Études...</i>	<i>Études...</i>
p. 151, 6.15, l. 12:	às	à
p. 152, 6.16, l. 3:		<u>Obs.:</u> Onde está «inicial de sílaba», não deveria estar «inicial de unidade acentual»?
p. 154, l. 11:	[ũ ^h 'dɛ ^h tə]	[ũ ^h 'dɛ ^h tə]
p. 155, l. 2:	uN 'bONbu/	/uN 'bONbu/
p. 157, 6.21, l. 4:		<u>Obs.:</u> Onde está «/ʷɛɛi/» deveria, rigorosamente, estar «/Aɛɛi/».

Vocalismo (pp.161-203):

p. 163, 7.2, l. 5:	<i>Études...</i>	<i>Études...</i>
--------------------	------------------	------------------

p. 167, 7.5, l. 9:	infinitivo verbal	“infinitivo verbal”
" " " , l. 10:	substantivo	“substantivo”
p. 173, l. 5:	[ẽš] ^ə , [ˈlãš] ^ə , [ˈlõž] ^ə .	[ˈẽšə], [ˈlãšə], [ˈlõžə].
" " , l. 8:	/ˈkuNpru/	/ˈkuNpRu/
p. 174, 7.13, l. 17:	[sāu]	[ˈsāu]
p. 175, l. 1:	[ˈvaĩš]	[ˈvaĩš]
" " " :	[māuš]	[ˈmāuš]
" " , l. 2:	[soĩš]	[ˈsoĩš]
" " " :	[soĩš]	[ˈsoĩš]
" " , l. 5:	/ˈsĀ/	/ˈsAN/
" " , 7.14, l. 12:	<i>olho</i> subst. – <i>olho</i> for- <i>olho</i> ma verbal	“subst.” – <i>olho</i> “forma verbal”
p. 180, 7.19, l. 17:	[ˈlāvā]	[ˈlāvə]
p. 181, l. 10:	(p° b° m° f° v°.../)	(/p° b° m° f° v°.../)
" " , l. 13:	[kāvuš]	[ˈkāvuš]
" " , l. 17:	[lāvu]	[ˈlāvu]
p. 182, l. 13:	<i>fala</i>	<i>fale</i>
p. 183, l. 6:	/ʁ/	/R/
" " , n. 8, l. 7:	(amā nu)	[ˈamā nu]
<p><u>Obs.:</u> Ainda nesta linha, e em vez de [ˈamā lu] e de [ˈamā nu], não será antes [ˈamāu-lu] e [ˈamāu-nu]?</p>		
p. 184, 7.23, l. 6:	...fonema, [a]	...fonema, /a/
" " , 7.24, l. 7:	ą	/ą/
" " , " , l. 13:	[ˈforū]	[ˈforū]
" " , " , l. 14:	/ˈifajN/	/ˈifajN/
" " , " , " " :	/kúʁikuluN/	/kuˈʁikuluN/
p. 186, 7.29, l. 7:	[ajštəri'or]	[ajštəri'or]

p. 187, l. 3:	<i>ultrage</i>	<i>ultraje</i>
p. 188, 7.32, l. 16:	...(/ ʌ / - / ʌ / / ʌ / - / ʌ / ...
p. 189, 7.33, l. 3:	...ao passo...	...ao passo que...
p. 190, 7.34, l. 9:	[əʃpi'rar]	[əʃpi'rʌr]
" " , " " , l. 10:	[əʃ'plɛ̃'di'du]	[əʃ'plɛ̃'di'du]
" " , " " , " " :	[ajʃpi'rar]	[ajʃpi'rʌr]
" " , " " , " " :	[ajʃ'plɛ̃'di'du]	[ajʃ'plɛ̃'di'du]
p. 191, l. 2:	[ajʃpi'rar]	[ajʃpi'rʌr]
" " , " " :	[ajʃ'plɛ̃'di'du]	[ajʃ'plɛ̃'di'du]
" " , 7.35, l. 14:	/iS'taR/	/iS'tAR/
p. 196, 7.41, l. 10:	"Anterior"	"Anteriores"
p. 197, 7.43, l. 4:	...e razão...	...eração...
p. 199, 7.46, l. 12:	/te'raS/, /supe'rAR/ e /ve'rAʷN/	/te'rʌS/, /supe' 'rAR/ e /ve' 'rAʷN/
p. 200, l. 27:	= [ʃ]	= /ʃ/

p. 202, 7.50: Obs.: O esquema final, em vez de ser assim:

i		u
ɛ		ɔ
	ʌ	
ɛ		ɔ
	ʌ	

deveria ser desta outra maneira (mais preciso e completo):

Localização:	"Anteriores"	"Centrais"	"Posteriores"
"1"	/i/		/u/
"2"	/ɛ/		/ɔ/
Abertura:		/ʌ/	
"3"	/ɛ/		/ɔ/
		/ʌ/	
p. 203, 7.51, l. 1:	Notar-se à		Notar-se-á

Morfologia (pp. 205-252):

p. 210, l. 21:	/ˈpajs/	/ˈpajS/
p. 211, 8.4, l. 2:	/awN/	/AwN/
p. 215, 8.10, l. 11:	/a/	-/a/
" " , " , l. 14:	/ˈiza/	-/ˈiza/
p. 216, l. 1:	/ˈeza/	-/ˈeza/
" " , l. 7:	/ˈeza/	-/ˈeza/
" " , l. 8:	/ˈesa/	-/ˈesa/
" " , l. 10:	/ˈtriS/	-/ˈtRiS/
" " , l. 12:	/ˈona/	-/ˈona/
" " , l. 13:	/ˈoa/	-/ˈoa/
" " , l. 14:	/ˈana/	-/ˈana/
" " , " ":	/ˈAN/	-/ˈAN/
" " , l. 15:	/ˈina/	-/ˈina/
" " , l. 16:	/ˈia/	-/ˈia/
" " , " ":	/ja/	-/ja/
" " , 8.11, l. 7:	/ˈiza/	-/ˈiza/
" " , " , ls. 13-14:	<i>piton- isa</i>	<i>pitoni- sa</i>
p. 218, l. 21:	-/AN/	-/ˈAN/
" " , l. 22:	/-ja/	-/ja/
p.223, 8.34, ls. 1-2:	<u>Obs.</u> : Não será «função comitativa» onde está «função dativa»? (Cf., p. 219, 8.18, ls. 7-8).	
p. 226, 8.43, l. 6:	"1. ^a " à "6. ^a " "pes-soas": <i>lavarei</i> ;	"1. ^a ", "2. ^a ", "3. ^a ", "5. ^a " e "6. ^a " "pes-soas": <i>lavarei, lavarás, lavarás, lavarei, lavarão</i> ;

" " , " , l. 8:	"5. ^a " "pessoa": <i>lavai</i>	"1. ^a " e "3. ^a " "pessoas": <i>lavar</i>
" " , 8.44, l. 1:	... e "conjuntivo", "4. ^a " "pessoa":	... e "conjuntivo", "imperfeito", "4. ^a " "pessoa":
" " , " , ls. 4-5:	<i>lavávamos</i>	<i>laváramos</i>
p. 228, l. 10:	/aj/	/'aj/
p. 233, l. 31:	"5. ^a " e "6. ^a " "pessoas"	"5. ^a " "pessoa"
" " , l. 32:	(/pREN'dajS/), /'PRENdawN/)	(/pREN'dajS/)
p. 238, 8.62.8, l. 4:	/'amajS/	/a'majS/
p. 239, 8.64, l. 2:	"conjuntivo"+"pre sente"	<u>Obs.:</u> Não será antes "indicati- vo"+"pretérito"?
" " , " , l. 8:	(<i>ama</i>)	[<i>ama</i> / 'am(a)/]
" " , " , ls. 9-10:	"conjuntivo"+"pre sente"	<u>Obs.:</u> Não será antes "indicati- vo"+"pretérito"?
" " , " , l. 11:	(<i>am</i>)	[<i>ama</i> / a'ma(ã o)/]
" " , " , ls. 14-15:	"conjuntivo"+"pre sente"	<u>Obs.:</u> Não será antes "indicati- vo"+"pretérito"?
" " , " , ls. 15-16:		<u>Obs.:</u> De acordo com as correcções efectuadas (?), estas linhas terão de se reescrever assim: «... quando associado, através de -e- (/ 'a/), ao significante /j/ da mesma pes- soa (<i>amo</i> e <i>amei</i> , respectivamen- te).»
p. 244, 8.69.2, l. 2:	(<i>terei amado</i>)	(<i>terei amado</i> ,
" " , n. 34, l. 3:	/'teɣ/	/'tEɣ/
" " , " , l. 4:	/'tajN/	/'tAjN/
p. 245, n. 35, l. 1:	/'teɣ/ e /aʒ/	/'tEɣ/ e /'aʒ/

" " , " , l. 2:	<i>/až/</i>	<i>/'až/</i>
p. 247, 8.72, l. 4:	<i>otrabalho...</i>	<i>o trabalho...</i>
p. 248, 8.74, l. 7:	<i>partirei</i>	<i>prenderei</i>
" " , " , l. 9:	<i>partia</i>	<i>prendia</i>
" " , " , " ":	<i>partiria</i>	<i>prenderia</i>
p. 249, l. 1:	<i>parta</i>	<i>prenda</i>
" " , l. 2:	<i>partisse</i>	<i>prendesse</i>
" " , l. 3:	<i>partir</i>	<i>prender</i>
" " , 8.75, l. 1:	<i>partes</i>	<i>prendes</i>
" " , " , l. 2:	<i>partias</i>	<i>prendias</i>
" " , " , l. 3:	<i>partirás, partirias</i>	<i>prenderás, prenderias</i>
" " , " , l. 4:	<i>partas</i>	<i>prendas</i>
" " , " , l. 5:	<i>partisses</i>	<i>prendesses</i>
" " , " , l. 7:	<i>partires</i>	<i>prenderes</i>
" " , " , l. 8:	<i>partiste</i>	<i>prendeste</i>
" " , " , l. 9:	<i>parte</i>	<i>prende</i>
" " , 8.76, l. 1:	<i>/u/</i>	<i>-u (/w/)</i>
" " , " , l. 2:	<i>partiu</i>	<i>prende</i>
" " , 8.77, l. 1:	<i>partíamos</i>	<i>prendíamos</i>
p. 250, 8.78, l. 1:	<i>partíeis</i>	<i>prendíeis</i>
" " , " , l. 5:	<i>partistes</i>	<i>prendestes</i>
" " , " , l. 8:	<i>partirdes</i>	<i>prenderdes</i>
" " , 8.79, l. 13:	<i>/riawN/</i>	<i>/'riawN/</i>

Conclusão(pp. 253-261):

p. 255, l. 22:	<i>intedependência</i>	<i>interdependência</i>
p. 257, l. 22:	<i>...levar conta...</i>	<i>...levar em conta...</i>

p. 259, l. 5:	persurso	percurso
p. 261, n. 1, l. 4:	... <i>Cortesiana</i> <i>Cartesiana</i> ...

ANEXOS (pp. 263-280):

Bibliografia recomendada (pp. 265-275):

2. Dicionários:

p. 267, l. 3:	CAMARA	CÂMARA
" " l. 15:	OSWALDO	OSWALD
" " l. 19:	et ali.	<i>et ali.</i>
" " l. 24:	E	e
p. 268, l. 5:	adoptação	adaptação
" " l. 7:	et ali.	<i>et ali.</i>
" " l. 9:	E	e

3. Fonética geral:

p. 270, l. 1:	E	e
" " l. 9:	RAMON	ROMAN

4. Fonologia:

p. 271, l. 3:	TROUBETSKOY	TROUBETZKOY
" " l. 11:	Troubetskoy	Troubetzkoy

5. Fonologia portuguesa:

p. 273, l. 10:	Id.	<i>Id.</i>
" " l. 13:	Id.	<i>Id.</i>
p. 274, l. 9:	Id.	<i>Id.</i>
" " l. 12:	Id.	<i>Id.</i>

Alfabetos fonéticos (pp. 277-280):

p. 277, l. 13:	<u>Obs.</u> : Falta " (= apical) antes de: sonora (<i>dar</i>).
" " l. 17:	<u>Obs.</u> : Falta " (= lateral) antes de: velarizada (<i>rual</i>).

p. 278, l. 4 (I.):	δ	Υ
" " l. 8 (I.):	dz	dʒ
" " l. 14:		<u>Obs.:</u> Falta " (= fech.) antes de: médio (<i>v ê</i>).
" " l. 15:	ε - ε ε ξ	ε ε ε ε
" " l. 16:	ε - ε -	ε - ε ξ
" " " ":		<u>Obs.:</u> Falta " (= máx.) antes de: vel. (<i>mel</i>).

Bibliografia citada (pp. 281-283):

p. 282, l. 5:	HAMMARSTÖM	HAMMARSTRÖM
" " , l. 36:	pp. 195-180	<u>Obs.:</u> Esta paginação está errada. Não será antes 180-195?
p. 283, l. 8:	TROUBETSKOY	TROUBETZKOY

Índice ideográfico (pp. 285-291):

p. 287, 2. ^a col., l. 38:	Homonómia	Homonímia
p. 290, 2. ^a col., l. 38:		<u>Obs.:</u> Cortar: Uvula 3.8, 6.6 (está repetido)
p. 291, 1. ^a col., l. 20:	Velare	Velar
" " , " " , l. 10:	Vogais labiais labializadas	Vogais labiais, labializadas

Índice analítico (pp. 293-295):

p. 295, 8., l. 12:	8.65-66 <i>Participios</i> <i>passados</i>	8.65-66 <i>Participios</i> <i>passados</i>
--------------------	---	---

[Publicado em *CIBERKIOSK* 6 (1999)]
[Site: <http://www.uc.pt/ciberkiosk>]